

### ***Trânsito vago***

*“Se ele (o inimigo) concentra as suas forças perde território, se as dispersa perde força.”*

Võ Nguyễn Giáp

Para o Capitão Cyrus Smith, herói de “A Ilha Misteriosa” de Júlio Verne não existem problemas estéticos perante o não humano. O mundo é apreciado pela sua vulnerabilidade diante dos seres pensantes. Os promontórios, as ravinas, as falésias, as enseadas, os cursos de água, as massas densas de vegetação, os animais selvagens, a força e imobilidade topográfica do território não são factos insuperáveis, destrutivos, esmagadores na sua grandeza mas conteúdo geológico, balizas da história natural que eventualmente implicam um problema matemático, um cálculo trigonométrico, uma inquirição biológica. O território não é uma realidade incógnita, transcendental, invisível, imersa em sentidos labirínticos, nem é tensão entre corpo e finitude. Nada disso. No positivismo de Cyrus, engenheiro de formação, o mundo é um referente que se classifica, que se analisa, que se corrige e que é cartografado para garantir clareza e discernimento às decisões que envolvem a sua transformação (a sua violação e destruição). O conhecimento é posse do mundo natural. O território cai, precipita-se no plano, no mapa, perdurando nele tanto como princípio quanto fim. O verdadeiro indefinível da ilha é o Outro, exótico, *ex-machina*, aquilo, aquele ou aquela que tornam o espaço simultaneamente uma cinética do estranho e do inesperado e a garantia de que na sua irrelevância, no sublime da sua irrelevância, o humano ainda é o que torna a ilha real, a natureza palpável e a vida significativa. É nesse algo mais (que não cabe em nós) que está a génese da poética, filha indesejada da episteme e da técnica, e é nela que compreendemos melhor que o humano é a comensurabilidade do símbolo. É a viagem e a interpretação inacabada, incompleta, do mundo. Ernst Cassirer explica isto melhor do que eu: “o símbolo é uma parte do mundo humano do significado”. A poética estiliza em significantes opacos, herméticos, inacessíveis (euforicamente e dilatoriamente inacessíveis) a episteme do não vivido, do inapreensível, do lado de fora do corpo e da sensibilidade.

É este o enquadramento que atribuo aos materiais desta exposição: uma exterioridade que é o sincretismo de outra exterioridade. Robert Smithson descreveu tentativamente no seu “A provisional theory of non-sites” essa dualidade deslocada, ao mesmo tempo sintática e construtiva. O filme contido no dispositivo desenhado por Daniel Moreira explica esta sobreposição pois ele é o espaço (a superfície, o plano) que ganha forma, profundidade e conteúdo (na interação que se produz com as mãos e os paus de carvão, e no movimento de ambos) e que na cinemática que o invade se complica num sistema simbólico onde o reino puro das ideias (a abstração de que a folha branca tem uma densidade metonímica) se confunde expressivamente com a motricidade incompreensível, indeterminada dos dois paus de carvão.

Lembrei-me deste capitão unionista e dos seus companheiros de deriva inventados por Júlio Verne ao observar os desenhos do Daniel Moreira e as fotografias da Rita Castro Neves mas fiquei mais convencido ao observá-los prontos a rumarem nos seus fatos de mergulho para um bosque antropocénico. A relação inverosímil entre a ficção oitocentista e a viagem destes dois artistas resulta, contudo, de uma intuição: há uma insularidade no vazio denso, no palimpsesto quotidiano que é o trilho. A caminhada de 75 km feita de interrupções, pausas, demoras, afinidades e simpatias (deslocadas para o campo conflituoso da expressão e da representação, do excluído e do interpretado) tem as mesmas premissas da digressão dos naufragos em que o selvagem, o incompreensível, o desconhecido se vão desvanecendo na exposição à hegemonia do documento –a memória diarística, o registo gráfico, a coleção do encontrado, a medição e quantificação do que foi feito, do que falta fazer.

O que nos dizem estas imagens para além da sua qualidade plástica e natureza temática é que um trilho tem o valor semiótico de um índice: enuncia uma possibilidade de repetição, de um fazer de novo, outra vez, de um fazer que confunde (ou dilui) radicalmente, imanência com representação. É o espaço minoritário de seres vivos, de insetos, de mamíferos, e do mais problemático deles, o ser humano e das qualidades significantes das suas vivências.

O trilho aparece-nos, aqui, como uma obra sem autor que não é apenas uma linha no espaço mas no tempo, uma duração num confinamento, que se expande e retrai. É o que observo na qualidade “arquitetónica” dos arbustos e massas vegetais fotografadas por Rita Castro Neves. A convulsão extrusiva dos arbustos e as cavidades produzidas pela amalgama de ramos e folhagens emboscam qualquer visão estética deste lugar, quase que sugerindo, como nas fotografias policiais, o local de um crime, de uma violência mas também a teatralidade e força de uma totalidade viva que está desinteressada do nosso olhar, da nossa empatia: a teatralidade de uma situação real tornada imagem. Nos desenhos de Daniel Moreira sentimos também essa respiração entre o vazio e o preenchido, o lugar e a sua ausência. A forma (o rastro) afunda-se no seu sentido, no seu uso; mas um trilho é também, mostram os desenhos, o rastro de fantasmas que não conhecemos, que não veremos, que o usaram pela primeira vez e deixaram no terreno como uma tatuagem esse uso.

Imaginamos o lugar como um ponto fixo no espaço, como uma colisão fenomenológica de experiências e mundos anteriores (de passados conhecidos e desconhecidos). A palavra “locus” parece designar uma reunião, uma unidade física antitética da disseminação, da deriva mas não existe maior “espaço praticado” (para usarmos a definição que o filósofo Michel de Certeau deu de lugar) que um trilho. Este interstício comunica com o seu viajante e sobrepõe o valor e utilidade das suas partes (o desmembramento da experiência) a qualquer outro esforço. É o começo do diálogo, fictício, provável, ente dois pontos, entre dois factos, dois acontecimentos. Toda uma ecologia de interações se funda naquele vazio: entre uma rã, mumificada, e um observador que a transfere em camadas decisivas de grafite e, irreversivelmente, para uma meta-imagem; entre uma traineira a flutuar numa janela e uma arquitetura sem arquiteto. A itinerância é então a colisão e combinação entre duas realidades; em concreto a subjetividade que observa, descentrada, cativada no amadorismo da digressão e essa prática histórica, cumulativa de vestígios e de entropia que é o trilho.

Na fotografia de Jeff Wall, “*Diatrobe*” (1985), (descrita por ele como a errância da maternidade proletária), aparecem duas mulheres adultas, ainda com alguma juventude, uma delas segurando uma criança ao colo. Elas percorrem um caminho enquadrado por terrenos baldios e com um fundo cénico suburbano; passeiam-se tensas, focadas, num automatismo que parece reproduzir o “inconsciente espacial” em que se encontram. Aqui a deambulação é o espaço-tempo negativo onde a demografia superveniente do capitalismo permanece, onde espera, onde se desloca como desenraizamento. É o lugar de uma derrota e de uma inquietação filosófica mal respondida. Não é uma alternativa ao reino do trabalho, uma escapatória mas a lembrança que no reino da produção há um entre-espaço reservado aos inúteis forçados. Mas por isso mesmo a errância faz-se consciência de que existimos, que mesmo sem trabalhar, mesmo fora do “*nomos*” (capitalista) nós somos, nós existimos; que não é ao contrário: o mundo não espera que provemos em ação a nossa utilidade. Sim, é certo que essa utilidade, utilização, trabalho (trabalho vivo, trabalho morto), faz com que o mundo tenha outra intensidade e possibilidade comunitária, singular. As habitações, abrigos que o Daniel e a Rita foram encontrando avisam-nos disso mas ao mesmo tempo a irrelevância estatística, o cancelamento da utilidade, a obsolescência, o desuso não podem tornar-se rendições, não podem cristalizar-se numa finalidade em si: o sono do cão parece segredar-nos que também precisamos de não ser. Toda a atmosfera do trilho é dormente, sonâmbula. As fotografias de Rita Castro Neves aproximam-se da problemática de “*Diatrobe*”: despidos da tecnocracia e performatividade do trabalho, os seres humanos, as coisas que animam os seus costumes, as suas necessidades, aparentes ou concretas, também possuem esplendor e também são reais. E que é na digressão, nesse instante antropológico, instante da preguiça, da diatribe, da vergonha mas também do otimismo que nasce da inutilidade, grande reserva estética e filosófica, que é aí que podemos compreender o quanto somos humanos em função e por causa do não-humano que nos rodeia.

Pedro Pousada

Texto de reflexão sobre a exposição “Trilho” de Daniel Moreira e Rita Castro Neves no Museu Geológico, em Lisboa, de 3 a 15 fevereiro de 2018.